

Maria Teresa Nascimento  
Universidade da Madeira - Funchal

## IMAGENS DE MULHER NO *CANCIONEIRO GERAL*<sup>1</sup> DE GARCIA DE RESENDE

### Abstract

Having in mind the satirical and love poetry to be found in *Cancioneiro Geral*, undoubtedly a vast repository of court poetry to be situated between the Portuguese lyrical ballads (troubadour poetry) and Renaissance poetry, it is my purpose to depict some of its female characters. In this *Cancioneiro*, despite offering a wide range of love poems, the satirical poetry stands out mostly for its richness of themes and its meaningful depiction of physical and psychological characters which seldom achieve a striking differentiation.

Quase cinco séculos após a publicação do *Cancioneiro Geral*, mais ingente e meritório nos parece ainda o desígnio de quem, num curto lapso de tempo, cinco anos provavelmente, conseguiu perpetuar e salvar da dispersão a produção poética que emergira dos reinados de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel.

Das oitocentas e oitenta composições que constituem o *corpus*, o destaque maior, pela extensão relativa que ocupa, é o tomado pela poesia lírica, logo seguido da satírica. Uma primeira leitura, surpreendida pelo amplo manancial lírico, será tentada a fazer-lhe corresponder igual variedade temática. Rapidamente desfeita a ilusão, encontraremos, pelo contrário, uma constante semântica que afecta boa parte dos textos. A variedade esperada, essa, constatá-la-emos ao nível da poesia satírica que sempre prodigalizou ao engenho dos seus cultores amplo assunto a glosar.

Os textos, de autoria masculina, salvo casos pontuais de *ajudas* femininas, oferecem-nos, filtrados por um olhar necessariamente subjectivo, retratos de mulher, na sua maior parte, de rostos indistintos, reiteradamente tipificados na poesia lírica ou de alguma singularidade na satírica. Uns e outros combinar-se-ão para nos fazer reviver o imaginário dos séculos XV e XVI, afinal, talvez, apenas, distantes no tempo. Percorramos, pois, em conjunto essas páginas, numa viagem que a exiguidade temporal tornará forçosamente curta.

Masculino é, também, quase sempre, o sujeito de enunciação. Ressalvem-se as mencionadas *ajudas* (cf., por exemplo, III, nº 574 que oferece a particularidade de apresentar uma única *ajuda* feminina da Senhora D. Joana de Mendonça entremeada das restantes masculinas) e as conhecidas *Trovas à Morte*

de *Inês de Castro* em que Inês assume a voz para alertar aqueles que amam por o facto de virem, depois de mortos, a sofrer as penas do Inferno. Trata-se, afinal, da manifesta influência de Dante que se faz sentir também noutros textos do *Cancioneiro* em que, através de visões do Inferno, se chega à fala com figuras de pares amorosos que sofrem a dilaceração das chamas por muito terem amado na terra.

Expressão dominante na esmagadora parte da poesia é a do sofrimento amoroso que, em maior ou menor escala, sentida ou fingidamente, perpassa em todos estes textos. Os poetas do *Cancioneiro* afirmam sofrer e é a expressão dessa dor, de cambiantes mais ou menos comuns, que veremos glosada ao longo das suas páginas, muitas das quais nos ajudarão a definir aquela que assim faz sofrer quem a ama. Iguais os efeitos, igual a causa, responsável, quase sempre, uma só, a mulher. O destino só raramente<sup>2</sup> fazia exercer as suas arbitrariedades insuperáveis. A poesia portuguesa teria que esperar ainda um pouco mais para que tal entidade viesse a adquirir direitos de cidadania.

O retrato da mulher terá assim que ser construído ao longo de um percurso que, passando por todos os textos, consiga dar conta das constantes que a norteiam ou das suas especificidades quando elas acontecerem.

Objecto de constante referência, a mulher, como afirmávamos, ganha pouca autonomia em termos de caracterização, isto se tivermos em conta o facto de não diferirem os traços das nomeadas Guiomares, Joanas ou Catarina. A criatividade não parece ser o grande lema da maior parte das composições, como também já o fizeram notar, entre outros André Crabbé Rocha (Rocha, 1979) e Aida Dias (Dias, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*: V) Como quase sempre nos aparecesse o mesmo cantor, e sempre cantado o mesmo objecto...

Atestando já o *Cancioneiro* manifestas influências petrarquistas, parecia-nos legítimo que elas se estendessem à caracterização física feminina. É, no entanto, ao nível da relação de identidade entre os estados de alma do poeta e a Natureza ou ainda na expressão antitética de diferentes sentimentos que a lição dos textos petrarquianos se faz sentir. Queremos com isto dizer que a caracterização física inspirada de Petrarca está ausente. Desconhecemos a cor dos cabelos, da pele ou dos olhos. De uma mulher se diz apenas ter os «olhos de garça»<sup>3</sup> (III, n.º 567). A nossa curiosidade fica ainda por satisfazer, como ficara já na lírica trovadoresca, aguçada que fora pelos olhos verdes cantados por Guilhade. Aqui, no *Cancioneiro*, só por cedência do homem, os olhos de tal cor serão atributo da mulher (III, n.º 520).

Contentar-nos-emos, então, com a não menos estereotipada caracterização abstracta, maioritariamente apresentada em termos psicológicos, de forma mais ou menos detalhada, consoante os textos. Referências à excepcionalidade da

beleza da amada  
assim a fez dotada

Tam moça dan  
por mão de De  
em bondades é  
a este mundo f  
por ser dele a

Exercício de  
D. Fernando, é o  
O excesso de adj  
objecto lúdico. C

Leona, leda, l  
luminante lur  
levantada, livi  
liquidada libr  
Loança lhen  
lindamente lu  
lesta, limada,  
loen, loente l

Não andam  
estes, no entant  
ficticiamente ou  
com que surge g

Faz-se refe  
mas a razão é sé

Apesar de r  
todas cruéis, pe

Destinada a  
não é de todo  
poeta recorra a  
ainda de pergun  
se vai desenrol  
os juízes que d  
vista. Está, assi

Da primeir  
de Brito de c  
soubesse tecer  
gibão a quem f

beleza da amada sobre a das demais mulheres e à generosidade do Criador que assim a fez dotada de todas as perfeições sucedem-se:

Tam moça dama, tam linda,  
por mão de Deos soo foi feita,  
em bondades é enfinda,  
a este mundo foi vinda  
por ser dele a mais perfeita. (II, nº 308)

Exercício de estilo, moldado segundo o da composição já endereçada a el-rei D. Fernando, é o dirigido à mulher deste, rainha D. Isabel, por Álvaro de Brito. O excesso de adjectivos postos ao serviço da caracterização converte o poema em objecto lúdico. Citamos, a título de exemplo, os versos que se seguem:

Leona, leda, louçana,  
luminante lumbradora,  
levantada, livre, lhana,  
liquesada libradora.  
Loança lhena lhamada,  
lindamente lustrida,  
lesta, limada, luzida,  
loen, loente loada. (III, nº 74)

Não andamos longe do canto de louvor entoado pelos trovadores medievais, estes, no entanto, coagidos pelo senhal. Agora, as inúmeras epígrafes identificam, ficticiamente ou não, a mulher. É sintomático, a propósito, o número de textos com que surge galardoada uma D. Joana de Mena.

Faz-se referência uma única vez à deliberada omissão do nome feminino, mas a razão é só uma: o poeta quer preservar o anonimato da sua dor (I, nº 187).

Apesar de nomeada, não logra, no entanto, individualizar-se a mulher. Quase todas cruéis, perigosas e esquivas<sup>3</sup>. Todas belas e excepcionais, na poesia lírica.

Destinada a poesia a animar os saraus palacianos e nesse contexto produzida, não é de todo raro que, na tentativa de encarecimento dos dotes femininos, o poeta recorra ao contributo de outros, evidenciado sob a forma de *ajudas* ou ainda de perguntas e respostas para já não falar nos casos em que o texto poético se vai desenrolando à semelhança de um processo judicial. Apresentado perante os juízes que deverão julgar o pleito, vão desfilando várias razões e pontos de vista. Está, assim, aberto o caminho para a dimensão colectiva da criação poética.

Da primeira situação, é exemplo a aposta feita entre o coudel-mor e Álvaro de Brito de capões para a Páscoa, ganhando aquele que melhores louvores soubesse tecer a uma dama (I, nº45) ou a oferta de Fernão da Silveira de um gibão a quem fizer melhor trova de louvor a D. Filipa de Vilhena (III, nº 567).

Da segunda, mencionaríamos o famoso processo do *Cuidar e suspirar* que tanto verso fez correr, e ainda o ocorrido em torno do querer e do desejar, para uns e outros, chamada a mulher, como testemunha.

Finalmente, a corroborar a vertente lúdica desta poesia, citaríamos ainda a elucidativa epígrafe da última composição do *Cancioneiro* da autoria do seu compilador: «Estas quarenta e oito trovas fez Garcia de Resende por mandado d'El-Rei Nosso Senhor para jogo de cartas se jugar no seram desta maneira: em cada carta sua trova escrita e sam vinte e quatro de damas e vinte e quatro d'homeens: sc. Doze de louvor e doze de deslouvor e baralhadas todas, ham de tirar ua carta em nome de Foã ou Foão e então lê-la alto e quem acertar o louvor iraa bem e quem tomar a de mal riram dele. Começam logo os louvores das damas, os quaes fez todos aa Senhora Dona Joana de Mendonça» (IV, nº 880).

Não restarão dúvidas da simulação a que obedece o acto poético...

Um poema assume, por si só, a particularidade de apresentar a súplica dos requisitos necessários à mulher que vai viver para o paço. Requerem-se-lhe bom escrever, bom falar, motejar e saber rir, bom dançar e bom bailar, dissimulação, decoro no riso, devoção, fuga à maledicência, despertar saudades com o aparecimento tardio em missas e serões... (III, nº 550).

O poeta diz sofrer, já o afirmámos, e esse sofrimento advém da indiferença da mulher que, se alguma vez, pareceu corresponder aos seus anseios como se parece depreender dos versos «vejo que vos lembrais / cada vez ja de mim menos.» (IV, nº 714) ou «Confessais que me quereis, / nenhu remedio me dais» (IV, nº 724) depressa mostrou serem vãs as expectativas nela colocadas. O poeta compraz-se, todavia, nessa dor insana que o levará à morte, serenamente contemplada por quem para com ele nunca manifestará a menor sombra de piedade. Mau grado os apelos, os gemidos, o pranto infundável, os protestos de fidelidade, a senhora permanece inabalável a estas súplicas e a conclusão não será outra senão a de que glória lhe advém de tal crueldade:

Pois folgais com meu penar  
e penais com meu prazer (I, nº 126)

(...) folgais  
com quanto mal me fazeis (II, nº 382)

Algumas vezes a consciência da excelsa beleza feminina faz ao poeta nada mais se atrever a querer, porque o prémio para quem ama tal senhora só pode ser o padecimento:

É tam alto o merecer,  
tam sobida a perfeiçam  
com que Deos vos quis fazer,  
qu'ee vitoria padecer  
sem querer mais gualardam (III, nº 549)

A paixão n  
sofrimento ou a  
percorridos na c  
que os olhos de  
longamente, com  
sete anos (I, nº 1  
há oito anos (II,

Na tradição  
amada continua,  
inscrever-se no  
combinado com  
ligação à senhor  
justificá-la pode  
er Alvaro B  
legalmente dev  
senhor. Outras v  
decididamente a

Muito há já  
de leixar est  
mil cousas v  
como homen  
Nam nas po  
nem vos qu  
escusarei de  
polas tantas

ou ainda de

Nam digais  
qu'eu fui o  
e bem sei  
que no jog  
mais perde  
e eu fui o q

Raramente  
emerge depois  
grandeza do a  
bem que des  
*demanda pecc*  
amada.

A paixão nasceu por intermédio do olhar, e a partir daí, só restará o sofrimento ou a memória do bem (I, nº 156), quando se relembra os lugares percorridos na companhia da amada... A vida só conta a partir do momento em que os olhos depararam com a mulher amada, e o sofrimento pode arrastar-se longamente, como no caso em que Duarte de Brito afirma sofrer por Helena há sete anos (I, nº 119) ou Francisco da Silveira experimenta a crueza da sua dama há oito anos (II, nº 308).

Na tradição da poesia trovadoresca, a atitude do poeta para com a mulher amada continua, mau grado a consciência de que ela se compraz com a sua dor, a inscrever-se no âmbito dos ditames do serviço amoroso, num masoquismo combinado com a recusa submissa em pôr-lhe cobro. Cortar com a doentia ligação à senhora de coração de diamante (I, nº 157) é decisão difícil de tomar e a justificá-la poderemos encontrar a longevidade do amador, como no-lo quer fazer crer Álvaro Barreto, reivindicando a concessão de alvará de aposentado, legalmente devida a quem neste «reino (...) velho ou doente» (I, nº 99) servir senhor. Outras vezes, contudo, chega-se à libertação, à custa dum grito de revolta decididamente assumida, como no passo que citamos:

Muito há já que leixei  
de leixar este cuidado,  
mil cousas vos perdoci  
como homem namorado.  
Nam nas posso mais sofrer  
nem vos quero mais servir,  
escusarei de vos ver  
polas tantas nam sentir. (IV, nº814)

ou ainda de forma sobranceira:

Nam digais que me leixastes,  
qu'eu fui o que vos leixei  
e bem sei  
que no jogo que jugastes  
mais perdestes que ganhastes  
e eu fui o que ganhei. (IV, nº628)

Raramente, a revolta empreende foros de vingança. Este sentimento apenas emerge depois de perdidas de todo as esperanças, como quando, ignorando a grandeza do amor de quem a serve a mulher opta pelo casamento com outro. Se bem que desculpáveis os amores adúlteros, (*Dios al buen amador / nunca demanda pecado*, I, nº 84) não espera jamais o poeta vir a receber as graças da amada.

Seguem-se então as invectivas e listas intermináveis de mal-querenças que se deseja verem-se abatidas sobre aquela que menosprezou quem tão bem a servia e que reservam ao marido papel não pouco importante. Sem o saber, ele torna-se insuspeito aliado do pretense rival, quer pelo desprezo que votaria à mulher, quando lhe voltasse as costas na cama, quer pela hediondez dos traços que o tornariam carga insuportável. Que o lar doméstico se revele em cativoiro e que a mulher seja para todo o sempre infeliz, eis a esperança que poderá mitigar o dor do poeta:

Perder-méi, mas mais perdida  
será quem tal fim se deu,  
cad'ano venha parida,  
Deos lhe dê tam triste vida  
com'eu tenho polo seu.  
e pene tam de verdade,  
com'eu peno cada dia

(I, n° 87)

Em alguns casos, bastante escassos, pudemos encontrar correspondência amorosa. Um deles oferece alguma curiosidade, porque, desta vez, o impedimento à felicidade não advém, como de costume, da mulher, mas sim dos pais de um e de outro (II, n° 249). Em mais do que uma situação ainda, o amor encontra a felicidade no casamento e a mulher é outra vez objecto de exaltação.

As formas de tratamento para com a mulher encontram uma certa predilecção pela metonímia, acrescida dos vocativos donzela, senhora, senhor, dama, dona. O facto de encontrarmos uma criada designada como senhora faz com que tal epíteto não garanta o equivalente estatuto social da mulher. De qualquer modo, é significativo o facto de aqui vermos serem glosadas criadas, sem pejo, nem temor de se incorrer no ridículo como acontecera na poesia trovadoresca com o escândalo das amas e tecedeiras. Igualmente vítima se torna um poeta dos encantos de uma cativa, já notadas as similitudes por Aida Dias (1998, V: 252) entre este texto e o camoniano «Aquela cativa que me tem cativo».

O problema está em saber, muitas vezes, o género, para não dizer o sexo daquele que se canta. Mas esta é já matéria mais escabrosa e a cargo da poesia satírica. É verdade, que bastante intrigado anda D. João de Meneses sem saber se é macho ou fêmea determinada dama que beijava Dona Guiomar:

Senhora, eu vos nam acho  
rezam para rafiãr  
e beijar tam sem empacho  
Dona Guiomar,  
salvante se vós sois macho.

Se o sois e nam  
é mui bem que  
e tambem deve  
nam querer que  
soo com ela en  
(...)

D'hoje avante  
nem mais hei  
mas com mui  
vos heid'ir ar  
e oulhar,  
se sois femea

Sem lugar  
mulheres» most  
ilustração busca  
acarreta consig  
aproximarem. D  
seu coração cor  
nenhuma que nã

E não esc  
corrupção mora  
sacrílegas, o nas

Outras vez  
esperando pelo  
E, depois, quem  
se para que ces  
feminina é cond

Havei bom q  
s'entendeis  
confessar e  
ou andar co

Manda Deo  
ser contente  
e quem mai  
o demo haj

Algumas  
desmandos su  
ausente, assum

al-querenças que  
quem tão bem a  
Sem o saber, ele  
co que votaria à  
ondez dos traços  
le em cativo e  
poderá mitigar a

Se o sois e nam sois dama,  
é mui bem que o digais  
e também deve sua ama  
nam querer que vós jaçais  
soo com ela em ua cama  
(...)

D'hoje avante nom me agacho  
nem mais hei assi dândar,  
mas com mui gentil despacho  
vos heid'ir arregaçar  
e oulhar,  
se sois femea ou macho (III, nº 586)

Sem lugar para ambiguidades, já, a conhecida composição «Contra as mulheres» mostra como desta espécie partem todos os males. Através da ilustração buscada ao longo das várias idades, demonstra-se como o ser feminino acarreta consigo o estigma do mal, inoculando-o naqueles que dela se aproximarem. Do mesmo tom é a composição de Jorge de Aguiar. Precavendo o seu coração contra as mulheres, apela a que se lembre de «que é por nascer nenhuma que não errasse» (II, nº 207).

E não escapam à crítica as próprias freiras. Alguns textos provam a corrupção moral que grassava nos conventos, aventando-se até, das uniões sacrílegas, o nascimento de um Anticristo (II, nº 202).

Outras vezes ainda, quer-se alertar a mulher para o tempo que perde esperando pelo casamento, podendo até lá desfrutar dos prazeres carnaís. E, depois, quem se importa já com questões de virgindade? E os apelos sucedem-se para que cesse a sua preservação. Noutro poema, pelo contrário, a leviandade feminina é condenada e diz-se-lhe:

Havei bom conselho cedo  
s'entendeis de vos casar,  
confessar e comungar  
ou andar co rabo quedo

Manda Deos d'u homem soo  
ser contente ua molher  
e quem mais que uu quiser  
o demo haja dela doo (I, nº 185)

Algumas vezes as críticas à mulher surgem entremeadas de outros desmandos surgidos na corte, donde se pedem notícias quando de lá se está ausente, assumindo, então, o texto uma vertente que quase diríamos jornalística.

Assim, ficamos a saber do costume de as mulheres se escapulirem pelas janelas, dos seus desvarios nocturnos, das exigências para com os homens ao quererem deles mulas bem ajaezadas, etc.

Às mutações sociais não é alheio o género feminino. Acometidas de manias de grandeza, querem as mulheres, à força, adquirir tecidos de Flandres, e outras, ignorando a sua condição social, tomam presunções de rainhas, como a mulher do escrivão, (III, nº 542) ou a moça de câmara, convertida em dama (IV, nº 749).

Cabe à a poesia satírica prodigalizar-nos o que, em termos de caracterização física, era omissa na poesia lírica. Numa e noutra, realçamos, no entanto, o excesso, a desmesura, embora situados em pólos opostos. Se, no primeiro tipo de poesia, a mulher se demarca pela positiva, agora, o paradigma é negativo.

Alguns traços da mulher merecem tratamento jocoso. É o caso da desproporção de tamanhos entre uma, demasiado pequena, casada com alguém demasiado grande (II, nº 327); da desmesurada gordura de outra, grosseiramente assim caracterizada:

As mamas dam pelo ventre,  
o ventre polos joelhos  
e do cu at'oos artelhos  
gordura sobressalente.  
Arrenego de tais damas,  
é forçado que o diga,  
ca tudo é cu e mamas  
e barriga

(I, nº 184)

Nem mesmo escapará quem, pela sua idade já proveccta, vê a degenerescência física converter-se em objecto de zombaria (II, nº 304).

Igualmente merecedora de críticas é a dama que, prodigalizando os seus favores a quem a não quer, merece o epíteto de «cornuda» (IV, 814), ou aquela outra que possui tal mansidão que faz com que qualquer homem a tome (I, 42).

A concluir, diremos que a caracterização da mulher no *Cancioneiro* é, de três ordens de razões, a saber: simulação lúdica, serviço amoroso ou intervenção moralizante junto dos que «maos trajos e envenções fazem». Se diferentes são os motivos, já não o são, pelo menos no que toca às duas primeiras situações enunciadas, os seus efeitos. O louvor devido à perfeição dos atributos físicos femininos é quase sempre concomitante com o exercício da crueldade sobre o homem que ama e que vê, incessantemente, acrescida a sua coita.

Afirmamos então que, do ponto de vista temático, este tipo de poesia não anda longe das cantigas de amor que a precedem. A mulher continua, apesar da sua suposta fragilidade, a converter o homem em juguete indefeso do seu próprio

cativo e a deter o  
ela, só a ela caberá.

Perdida de todo  
um ser mais próximo

Atitude de despo  
algumas vezes talvez  
sátira que mais gen  
documental desta po

<sup>1</sup> As citações do  
mencionando-se o respo

<sup>2</sup> Encontrámos esc  
Cf. II, nº 281 («quis Ver  
morto.») e IV, nº 701 («  
/ tud'em castelos de ven

<sup>3</sup> A existência do  
neste contexto, possa te

<sup>4</sup> O fingimento p  
duma senhora que nunc

scapulirem pelas  
m os homens ao

metidas de manias  
landres, e outras,  
t, como a mulher  
ma (IV, nº 749).  
de caracterização  
s, no entanto, o  
primeiro tipo de  
negativo.

É o caso da  
cada com alguém  
a, grosseiramente

provecta, vê a  
nº 304).  
alizando os seus  
, 814), ou aquela  
a tome (I, 42).

*Cancioneiro* é, de  
o ou intervenção  
diferentes são os  
meiras situações  
atributos físicos  
rueldade sobre o  
l.  
o de poesia não  
ntinua, apesar da  
so do seu próprio

cativo e a deter o beneplácito da decisão da sua sorte que, invariavelmente a  
ela, só a ela caberá.

Perdida de todo a idealização da poesia lírica, a poesia satírica faz da mulher  
um ser mais próximo.

Atitude de despeito a da poesia satírica? Não iremos tão longe. Ainda que,  
algumas vezes talvez, tal motivo faça sentido. O que nos parece é que é pela  
sátira que mais genuinamente o poeta se afirma e, por isso, insistir no valor  
documental desta poesia, apesar de lugar-comum, não deixará de ser pertinente<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> As citações do *Cancioneiro Geral* far-se-ão a partir da edição referida na Bibliografia,  
mencionando-se o respectivo volume e o número da composição.

<sup>2</sup> Encontrámos escassos exemplos da influência do destino na determinação da vida do poeta.  
Cf. II, nº 281 («quis Ventura que soubesse / que querendo o que quisesse, / nam me quer vivo nem  
morto.») e IV, nº 701 («Quando faço fundamento / daquilo que mais m'apraz / a Fortuna me desfaz  
/ tud' em castelos de vento»).

<sup>3</sup> A existência do adjectivo «garço» no exemplo citado leva-nos a crer que o determinativo,  
neste contexto, possa ter uma notação de cor.

<sup>4</sup> O fingimento poético vai ao ponto de, numa ajuda, João de Saldanha louvar a formosura  
duma senhora que nunca viu (III, nº 569).